Mulheres rurais e agroecologia: construindo agri-culturas

Rural Women and Agroecology: Building Agri-cultures

WALLAU, Angelica Servegnini de[1]; WEDIG, Josiane Carine[2]; DEMETRIO, Milena[3]; SILVA COSTA, Brendo Henrique da[4]; SIMONETTI, André Luiz [5]; CELUPPI, Daniela[6]
[1] PPGDR/UTFPR, angelicawallau@gmail.com; [2] PPGDR/UTFPR, josianewedig@utfpr.edu.br;
[3]PPGDR/UTFPR, mdemetrio@alunos.utfpr.edu.br; [4] PPGER/UFV, brendohenrique08@gmail.com;
[5]PPGDR/UTFPR, simonettial97@gmail.com;
[6]UNICAFES/PR, daniela-celuppi@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção da Agroecologia

Resumo:O modelo de desenvolvimento vigente levou a um processo técnico-científico de modernização do campo, urbanização e industrialização, gerando diversos problemas sociais e ambientais. Desse modo, a Agroecologia e a atuação das mulheres rurais surgem como alternativa ao modelo de agricultura vigente. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo discutir a Agroecologia e o papel das mulheres rurais como protagonistas de uma alternativa ao desenvolvimento rural vigente. Os saberes agroecológicos das mulheres rurais, podem ser um novo paradigma ético de construção de agricultura e de vida, que resiste à lógica moderna de agricultura.
Palavras-chave: desenvolvimento sustentável; gênero; modernização agricultura.

Introdução

A modernidade é uma temática ampla, complexa e infere considerar as interfaces das relações de dominação e poder do capitalismo na construção histórica da agricultura. Para Lander (2005), a modernidade se opera em contínuas separações e reducionismos, que revelam um legado de injustiças e desigualdades sociais.
Desse modo, a Agroecologia é uma ciência, prática e em movimento (PETERSEN, 2013) experienciada enquanto ação, reflexão e transformação, que integra e valoriza conhecimentos, usos, vivências, técnicas e saberes de povos e comunidades tradicionais, indo ao encontro de um projeto de agroecossistemas sustentáveis. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo realizar uma análise da Agroecologia em interface com o papel das mulheres rurais como protagonistas de uma alternativa ao desenvolvimento rural vigente.

Metodologia

Como metodologia foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2004), essa abordagem permite compreender a realidade social por meio dos princípios da investigação. A pesquisa bibliográfica é compreendida por Severino (2007) como aquela produzida a partir do registro disponível em livros, teses, artigos, entre outras.

Resultados e Discussão

O processo de formação da modernidade se deu associado ao capitalismo (DUSSEL, 2005; MIGNOLO, 2013). Na agricultura, o modelo de desenvolvimento capitalista se reafirmou e se intensificou, impulsionado pelo projeto de modernização, a Revolução Verde, que preconizava a adoção de pacotes tecnológicos, através do uso das variedades de sementes híbridas de alto rendimento, dependência de agroquímicos, irrigação e mecanização (SHIVA, 2015).

Apresentada como estratégia para a superação da escassez e o aumento da produção de alimentos, a Revolução Verde acarretou novas exigências para a produção e, também, novas vulnerabilidades. A destruição ecológica comprometeu o solo, os recursos hídricos e a pluralidade de culturas agrícolas dos diversos povos (SHIVA, 2015). O modelo fundado no uso intensivo de agrotóxicos, fertilizantes sintéticos e a retórica de alimentar o mundo, acabaram por descaracterizar as agriculturas tradicionais, convertendo-as em uma estrutura agroindustrial (PAULA, 2017).

As dimensões socioeconômicas e mercantis instituídas em torno da agricultura refletem tendências mundiais de comércio e investimento, propagam padrões motivados pela integração de mercados e domínio das grandes corporações alimentares (PAULA, 2017). Esse modelo constitui não só um controle hegemônico da produção e do consumo, mas também despreza a biodiversidade e a diversidade de saberes tradicionais, principalmente, os das mulheres, produzindo uma monocultura mental (SHIVA, 2003).

Nesse contexto, pode ser refletido que o progresso tecnológico da modernização da agricultura, fundado na mercantilização da natureza e do conhecimento, excluiu qualquer entendimento diverso daquele considerado racional moderno, desprezando os saberes e as práticas alicerçadas nos povos e nas comunidades tradicionais, especialmente os saberes das mulheres. Para Shiva (2003), projetos de desenvolvimento econômico da modernidade tem como objetivo homogeneizar o mundo, por meio da expansão das monoculturas, relacionadas a projetos políticos de poder.

As monoculturas foram difundidas através da comoditização, financiada por instituições nacionais e internacionais de desenvolvimento. Com isso, foram efetivados contextos sociais e ambientais completamente diferentes dos tradicionais, gerando consequências que podem ser observadas na ampliação das áreas desertificadas, no intenso êxodo rural, na concentração de terras e nas mazelas visíveis no espaço urbano, tais como o desemprego e exclusão social (SHIVA, 2003; RADOMSKY, 2011; SILIPRANDI, 2015).

Ao questionar o paradigma dominante de produção de conhecimento, Floriani e Vergara (2015) indicam que uma epistemologia universal não é capaz de integrar toda a diversidade cultural e os saberes heterogêneos, havendo necessidade de um

pensamento plural. Nesse sentido, Narvaz e Koller (2006, p. 651) afirmam que o mais correto "seria falar em epistemologias e em metodologias, no plural, uma vez que não há uma só forma de produção do conhecimento, mas várias, a partir de diferentes teorias". Por conseguinte, esse movimento de questionamento do paradigma dominante e da busca pelo reconhecimento de outras possibilidades, que não apenas as hegemônicas, contribui para fomentar diálogos em diferentes campos e com outros olhares.

É com esse cenário que Marques (2017) indica que os estudos feministas têm identificado, nas pesquisas junto aos movimentos de mulheres camponesas, pautas semelhantes, como o acesso à terra e ao trabalho. Siliprandi (2011) enfatiza que, no contexto rural, as reivindicações das mulheres por direitos estão relacionadas ao acesso à terra e à luta para o reconhecimento da profissão de agricultoras, possibilitando o exercício de direitos sociais, previdenciários, sindicais, atendimento adequado nos sistemas de saúde e educação.

Segundo os estudos de Siliprandi (2015), o rompimento com a lógica de desvalorização das mulheres camponesas ganha destaque com a participação no movimento agroecológico, por meio da articulação entre as históricas lutas feministas e as lutas ambientais no espaço rural. Moreira, Ferreira e Siliprandi (2018) ressaltam que as práticas agroecológicas possibilitam às mulheres o enfrentamento de conjunturas de vulnerabilidade e viabilizam conquistas no âmbito pessoal e profissional. As mulheres camponesas são responsáveis por inúmeros processos de resistência, organizadas em movimentos sociais agroecológicos de produção e de comercialização, de maneira individual, associadas ou cooperativadas (SILIPRANDI, 2015).

O movimento de reconhecimento e visibilidade das mulheres do campo, articulado com a Agroecologia, fornece bases para questionar o desenvolvimento da agricultura moderna, lançando outras possibilidades de produção. A Agroecologia é uma perspectiva de agricultura que se opõe ao modelo implantado pela modernidade – pautado na monocultura, no latifúndio, no extrativismo e no controle colonial dos saberes, da terra, da produção e do consumo de alimentos. Ela se constitui enquanto episteme, movimento e prática que visa restabelecer as relações, possibilitando e reintegrando com os agroecossistemas.

A Agroecologia pode ser compreendida pelo conjunto de conhecimentos direcionados a uma agricultura sustentável, que atenta a critérios sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais. Está baseada em um agrupamento de disciplinas, segundo as quais é possível investigar e operar em comunhão com os agroecossistemas, conciliando a atividade agrícola com a manutenção das características ecológicas do ambiente e propiciando uma vida digna às pessoas envolvidas (SILIPRANDI, 2015). Assim, é ciência, é episteme, é prática e é movimento que integra e valoriza conhecimentos, usos, experiências, técnicas e saberes de povos e comunidades tradicionais, particularmente das mulheres rurais.

Nesse sentido, a Agroecologia visa restabelecer as relações entre a humanidade e a natureza, reintegrando os humanos aos ecossistemas que eram a base das práticas agrícolas tradicionais e que perderam espaço com a agricultura moderna. Essa perspectiva pretende, também, dissolver o modelo racista e patriarcal da sociedade e da agricultura hegemônica atual, considerando a construção de relações mais simétricas entre os gêneros e os povos, reconhecendo o seu protagonismo na construção de outras agriculturas.

Conclusões

A Agroecologia se apresenta como episteme, prática de produção e meio de vida que visa restabelecer as relações entre humanos e não humanos, possibilitando a reintegração destes com os agroecossistemas. Essa perspectiva também tem o potencial de criar relações mais igualitárias entre os gêneros e os povos, reconhecendo o seu protagonismo na construção de outras agriculturas.

Agradecimentos

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa durantes os anos 2020 a 2022.

Referências bibliográficas

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, E. (Coord.). **Ciências sociais:** saberes coloniais e eurocêntricos. Argentina: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur)

FLORIANI, D.; VERGARA, N. Hacia un pensamento socioambiental: aproximaciones epistemológicas y sociológicas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, p. 11-27, dez. 2015.

LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur)

MARQUES, S. A. Feminismo(s) e o conceito de gênero; algumas contribuições teóricas para os debates nos movimentos sociais de mulheres camponesas. *In:* BONI, V. (Org.). **Mulheres camponesas e agroecologia**. Curitiba: CRV, 2017.

MCMICHAEL, P. **Regimes alimentares e questões agrárias**. São Paulo: Editora Unesp; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

MIGNOLO, W. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 431, ano XIII, nov., 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, S. L. de S.; FERREIRA, A. P.; SILIPRANDI, E. Memórias das mulheres na agroecologia do Brasil. *In:* SÁNCHEZ, G. P. Z.; CATAROCAVARGAS, G. SILIPRANDI, E.

Agroecología em feminino: reflexiones a partir de nuestras experiências. La Paz: SOCLA, 2018.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: articulando Pesquisa, Clínica e Política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

PAULA, N. M. de. **Evolução do sistema agroalimentar mundial:** contradições e desafios. Curitiba: CRV, 2017.

PETERSEN, P. A agroecologia e a superação do paradigma da modernização. *In:* NIERDELI, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. **Agroecologia:** práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013.

RADOMSKY, G. F. W. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e a emergência de "modernidades" alternativas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, p. 149-62, 2011.

SHIVA, V. **A violência da Revolução Verde:** Agricultura, Ecologia e Política do Terceiro Mundo. Tradução de Luís Humberto Teixeira. Lisboa: Mahatma, 2015.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Pensamiento Iberoamericano**, n. 9, p. 169-183, 2011.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia:** transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.